



REFLEXÃO BÍBLICA

Maria, a mulher dos olhos contemplativos

“... porque Ele olhou para a humildade de sua serva”. (Lc 1,48)

Pe. Adroaldo Palaoro, SJ

Solenidade da Assunção da Bem-Aventura Virgem Maria — Ano C

O dogma da Assunção afirma que Maria, mãe de Jesus, “subiu ao céu como mulher plena”.

A festa da Assunção nos revela que em Maria realiza-se a **situação final**, situação prometida a toda humanidade: “**ser um dia de Deus e para Deus**”; Maria o é desde o início (imaculada) até o final (assunção), através de uma fidelidade de toda a sua vida.

Maria foi “**assunta ao céu**” porque “*levantou-se apressadamente*” em direção ao serviço; ela foi “assunta” porque assumiu tudo o que é humano, porque “desceu” e se comprometeu com a história dos pequenos e marginalizados. Maria foi glorificada porque se fez radicalmente “humana”; foi “assunta ao céu” porque sempre foi “olhada” por Deus, que a engrandeceu plenamente.

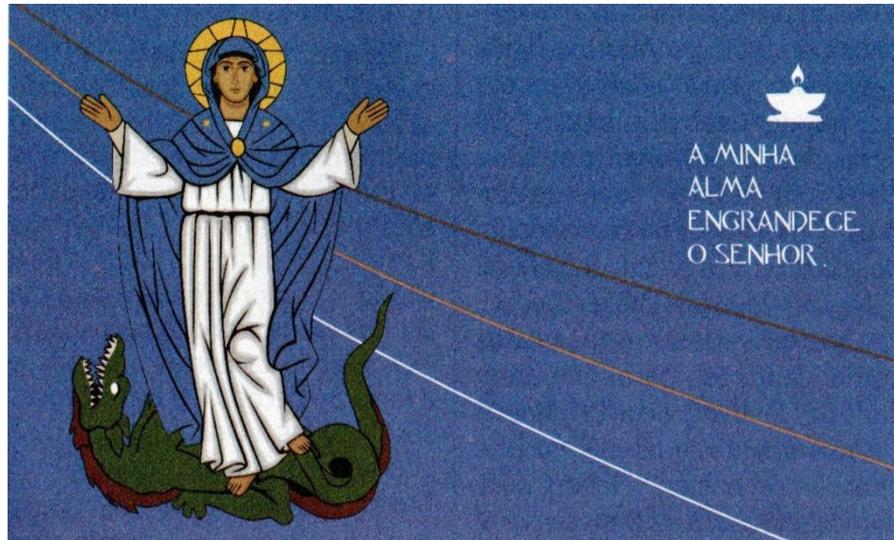


Ilustração: IAS Agência (Liturgia Diária da Paulus, agosto'2025 - p.65)

“*Alega-se meu espírito em Deus meu Salvador, porque olhou para a humildade de sua serva*”, canta Maria no seu “Magnificat”, reconhecendo que nesse **olhar divino** está a fonte de seu júbilo: Deus se inclinou para ela, a envolveu em sua ternura e a inundou de graça. E Maria, ao sentir-se assim olhada, se alegra até às raízes mais profundas de seu ser.

Mas, sem deter-se aí, dirige seus olhos para onde Deus sempre olha, e contempla a história com o mesmo olhar na qual se sentiu envolvida. Aproxima-se da “janela” da realidade com olhos novos, com um realismo consciente da fragilidade das pessoas e da dureza da vida: há famintos, pobres e humilhados; há ambições e poderes opressores que são a causa da tanta miséria e violência.

Maria não se deixa enganar pelas aparências, pois revela-se capaz de perfurar a realidade e ver as coisas, as pessoas e as relações tal como Deus as vê. Por isso, adianta-se a contemplar os famintos já saciados, os humildes e abatidos já exaltados e os ricos e poderosos despedidos de mãos vazias.

Porque “*sentiu-se olhada amorosamente por Deus*” Maria se revela com **olhos contemplativos**; brilham neles traços de ternura, de compreensão e amor compassivo, que atraem como imã. São olhos que expressam amor, proximidade, sensibilidade, interesse pela realidade. É o olhar da pessoa próxima que se “põe na pele do outro”, o olhar da pessoa que se deixa afetar.

Podemos dizer que Maria tem “**olhos oblativos**”, comprometidos. “*Faz-te olhar*”, recomenda Rumi, o místico sufi do século XIII, com sua costumeira simplicidade e determinação.

Maria tem os olhos grandes da mulher contemplativa; olhos abertos e serenos, voltados para o mistério interior e exterior. Tudo cabe sob o amparo desta fonte cálida.

Há um adágio latino que diz: *“ubi amor, ibi oculus”*. “Onde há amor, ali está o olhar”. O amor direciona o olhar, a atenção e o cuidado para aquilo que se ama. E onde está o olhar, o amor passa do coração aos pés e às mãos. O amor vê o que os olhos não veem. O amor vê o que os egoístas não veem. O amor vê e não pensa duas vezes. O amor não espera chamadas.

Não basta ver as coisas a partir de longe; nem basta saber que os outros precisam de ajuda; não basta saber que os outros estão sós e necessitados.

Na Bíblia, “pôr os olhos” é “pôr o coração”. Maria põe seu coração em toda a realidade, em todos os homens e mulheres, seus filhos e filhas; Maria, a contemplativa, é a mulher mística “de olhos abertos”, tocando a terra; assim é a genuína fé cristã, bem enraizada sempre na realidade.

Assim é Maria, revelada pelos evangelhos: uma mulher que se “deixa afetar”, de olhar contemplativo e estremecida de júbilo em Deus, em pé e mobilizada, uma mulher que bendiz e se põe a serviço.

É assim que a encontramos na casa de Isabel, na sua visitação e estadia como servidora.

Maria é a mulher contemplativa, mulher aberta e atenta a Deus e à realidade, ou melhor, a Deus-na-realidade. São olhos de uma mulher mística e profetisa: **mística**, ou seja, capaz de ver a Deus em tudo e tudo em Deus (*“a minha alma engrandece o Senhor, e meu espírito se alegra em Deus, meu Salvador”*); e **profetisa**, capaz de ver tudo com os “olhos” de Deus; olhos que proclamam as maravilhas e que denunciam as mazelas daqueles que são ambiciosos e rompem a comunhão.

No Magnificat de Maria encontramos uma mulher lúcida, comprometida com a história de seu povo, crítica da ordem estabelecida, na linha dos profetas de Israel.

No Evangelho deste domingo, Maria revela-se disposta, pronta a empreender o caminho em direção à casa de sua prima; inteira em sua atenção profunda e aberta para a ação. É a mulher que *“se pôs a caminho e foi às pressas à montanha, a uma cidade de Judá”*;

Em Maria vemos uma pessoa de pé, pronta, mobilizada, com talante, capaz de olhar com o coração, deixando-se afetar pela realidade, vivendo a alegria de crer e fazendo de sua vida uma benção.

Como mulher “resolvida”, Maria é **transparência de Deus**. Nela vemos que “o que é próprio de Deus” não é prioritariamente um assunto de doutrina nem de moral, mas um assunto de “entranhas”, de vida.

Porque experimentou a Deus como fonte de vida, ela explodiu em louvor, mostrando que a fonte da alegria só a encontramos no Deus da Vida: esse é seu canto. Ela também, como Jesus, nos comunica algo extraordinário: **o verdadeiramente humano é transparência de Deus**.

Contra certas imagens de Maria que predominaram e predominam no imaginário cristão, o evangelho nos revela uma mulher decidida, segura de si e, ao mesmo tempo, voltada para os demais. Tinha olhar atento, inclusive “perscrutador”, para inteirar-se do que acontecia ao seu redor, não para alimentar curiosidade, mas para colocar-se à disposição; seu olhar oblato parte do movimento interior, despertado pelo seu “sim” a Deus; daí brota sua “responsabilidade” como colaboradora: Maria é a mulher “responsável”, a partir de sua autonomia e seu serviço.

Para viver a fidelidade autêntica ao Evangelho, precisamos ser, como Maria, **místicos e profetas**: capazes de ver a Deus em toda realidade e de ver toda a realidade com os olhos de Deus. Precisamos, em definitiva, sentir-nos entranhavelmente amados(as) e benditos(as), para poder fazer de nossa vida uma benção, para nós mesmos(as) e para os outros. Precisamos sentir o que Maria experimentou: *“Deus olhou com bondade minha pequenez”*; em nossa “pequenez” Deus continua realizando maravilhas e nos olha (“põe seu coração em nós”), sempre e incondicionalmente, com bondade e misericórdia, querendo só nosso bem.

Este é o Seu desejo para todos nós: que sejamos pessoas a caminho da completude e plenitude humana: em Deus, já somos “assuntos(as), ou seja, pura transparência d’Ele.

Assim, o mistério da **Assunção de Maria** torna-se uma inspirada referência para aclarar melhor o mistério de cada um de nós. Porque em Maria se encontra realizado aquilo que todos

aspiramos: viver no fluxo da santidade divina; todos aspiramos a uma plenitude que, saibamos ou não, só Deus pode saciar.

Maria, “cheia de graça”, “cheia de Deus”, é a realização plena de todas as nossas aspirações.

Por outra parte, além de uma vida plena, todos aspiramos a uma vida duradoura. Vida plena que permaneça, vida cheia de Deus e eterna. Na Assunção de Maria se realiza esta outra grande aspiração humana: viver para sempre, unidos(as) a Deus, fonte de toda vida. E viver com toda nossa realidade, plenificada em todas as suas dimensões. O pensador Kierkegaard afirmou que quando o ser humano ignora o eterno que há nele, sente o vazio, a angústia e o desespero.

Maria, na plenitude, é o referente do qual todos almejamos: que nada nos falte, que todos os aspectos e dimensões de nossa vida estejam plenificados e saciados. É este o significado do dom da salvação, oferecida por Aquele que a todos nos eleva. A salvação é um projeto de vida feliz, estável e completa, no qual todos os nossos desejos estão plenamente saciados. Isso é o que, com outras palavras, o dogma da Assunção diz de Maria. Essa é a esperança cristã. Por isso, Maria é transparência de nosso próprio mistério.

Texto bíblico: Lc 1,39-56

Na oração: Ao longo da oração peça que as palavras de louvor e de libertação cantadas por Maria penetrem no seu coração e deixem brotar frutos de **conversão**, de **alegria** e de **gratidão**; peça especialmente a graça de cantar com um coração transbordante de júbilo, pela salvação recebida. Peça também que as palavras do **Magnificat** transformem seus valores, suas atitudes e suas práticas na linha da justiça e da misericórdia do Evangelho do Reino, proclamado por Jesus e antecipado no cântico de sua mãe.

— Rezar as **“marcas salvíficas”** de Deus na sua própria história pessoal.